

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BRUNA LOPES GUIMARÃES

**O USO DE AVATARES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO
ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DO LUTO FRENTE À MORTE**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

BRUNA LOPES GUIMARÃES

**O USO DE AVATARES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO
ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DO LUTO FRENTE À MORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Psicologia do Centro Universitário Dr.
Leão Sampaio, em cumprimento às
exigências para a obtenção do grau de
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Júnior

BRUNA LOPES GUIMARÃES

**O USO DE AVATARES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO
ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DO LUTO FRENTE À MORTE**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 05/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Júnior

Membro: Profa. Maria Aparecida Trindade Pereira

Membro: Prof. Me. Alex Figuerêdo da Nóbrega

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

O USO DE AVATARES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DO LUTO FRENTE À MORTE

Bruna Lopes Guimarães¹
Joel Lima Júnior²

RESUMO

O enfrentamento do luto em relação a perda do outro pode imprimir no ser humano o desconforto pelo sentimento de ausência, onde a presença já não é mais possível de se interagir, dando lugar a busca de outras formas de perpassar o sofrimento, onde a tecnologia se apresenta com inovações computacionais específicas para a imortalização do falecido e a acessibilidade de seu uso como uma maneira inovadora de encarar essa realidade. A metodologia da pesquisa é de caráter bibliográfico em uma construção exploratória destacando o conceito de aprofundamento do enfrentamento do luto frente à morte por uso de inteligência artificial e na Psicologia como auxílio do processamento emocional na contribuição do bem-estar. Assim, os resultados indicaram que o avanço das tecnologias adentram mais fortemente na vida cotidiana se tornando algo naturalizado e objetificado para continuidade de uma herança digital e seu desenvolvimento ainda não considera aspectos pós utilização, mas sim como medida apoiadora momentânea que quando utilizada sem supervisão pode acarretar possíveis dependências digitais, trazendo a perspectiva auxiliar da Psicologia como acolhedora diante de sua usuabilidade e cooperação ao processo de retorno as atividades cotidianas após a elaboração do luto e consequente aceitação da morte do outro.

Palavras-chave: Morte. Luto. Inteligência artificial. Psicologia.

ABSTRACT

Coping with grief in relation to the loss of another can leave human beings feeling uncomfortable due to the feeling of absence, where presence is no longer possible to interact with, giving way to the search for other ways of passing suffering, where technology is presents specific computational innovations for the immortalization of the deceased and the accessibility of its use as an innovative way of facing this reality. Given this, the general objective of this article was to analyze how the use of artificial intelligence technology to create avatars influences coping with grief, how it can contribute to the decision-making process, perceptions and resignification in the face of death. The research methodology is bibliographic in nature in an exploratory construction highlighting the concept of deepening the coping with grief in the face of death through the use of artificial intelligence and in Psychology as an aid to emotional

¹ Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: brunalopesguimaraesblg@gmail.com

² Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: joellima@leaosampaio.edu.br

processing in contributing to well-being. Thus, the results indicated that the advancement of technologies enters more strongly into everyday life, becoming something naturalized and objectified for the continuity of a digital heritage and its development does not yet consider post-use aspects, but rather as a momentary support measure that when used without supervision can lead to possible digital dependencies, bringing the auxiliary perspective of Psychology as welcoming in the face of its usability and cooperation in the process of returning to daily activities after mourning and the consequent ease of the death of another.

Keywords: Death. Grief. Artificial intelligence. Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A complexidade da discussão sobre a morte designa uma temática que é significada por cada pessoa de maneira diferente conforme sua própria experiência, variando seu enfrentamento de acordo com a subjetividade. Os aspectos emocionais do luto podem trazer perspectivas de sofrimento contínuo quando são expressas na negação da finitude e a impossibilidade da despedida, optando pela busca de métodos que possam permitir reviver interações com a pessoa falecida contribuindo com atitudes que reforçam o conceito da imortalidade, “a consciência tende a evitar a realidade da morte, porém não lidar com a morte é equivalente a dificultar a vida” (Blanco; Bonfatti, 2021, p. 94).

O crescente desenvolvimento das tecnologias de inteligência artificial na inclusão de aspectos da sociedade ligados ao processamento de emoções e o enfrentamento da terminalidade da vida ascende à Psicologia a análise da saúde mental dos indivíduos enlutados e como tem um impacto psicológico nocivo, visto que, a aplicação de meios digitais faz com que familiares e amigos tenham acesso a criação do indivíduo falecido da forma como cada um interpretava a sua relação, trejeitos e aparência, fazendo com que o luto não seja elaborado já que é substituído pela presença digital, podendo causar uma modificação no reconhecimento do que é real e o que é virtual, dificultando o reconhecimento da própria identidade e a do falecido (Tibúrcio *et al.* 2022).

A pergunta de partida expõe de que modo o uso do *software* “live forever” de inteligência artificial na criação de avatares, desenvolvido pela empresa Somnium Space, pode influenciar na ressignificação da morte e seu enfrentamento? Trazendo o foco das relações interpessoais, isolamento social e o não discernimento das emoções decorrentes do luto, visto que, são programados para terem uma interação que se aproxime ao máximo a dos humanos, além de contribuir para dúvidas das dificuldades

de atuação das intervenções e pesquisas psicológicas no âmbito da psicotanatologia e da própria psicoterapia. Abre espaço para um desenvolvimento do desejo de eternização digital que não é abarcado como foco acadêmico pelo fator de uma corrida tecnológica que a psicologia deve estar inserida ao estudar sua repercussão e suas consequências desde o fator da negação e repressão da perda e o não reajustamento da vida do enlutado.

A motivação de pesquisa está relacionada ao desenvolvimento de estudos que possam contribuir para o entendimento da ação da tecnologia na relação luto-saúde mental que, posteriormente, facilite a compreensão e elaboração dos aspectos interventivos psicológicos das dependências digitais em avatares “cópias” de pessoas falecidas contribuindo para um acompanhamento saudável no processo pessoal do luto, além de, iniciar pesquisas dentro do âmbito da tanatologia associado ao uso da tecnologia. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo geral compreender como a utilização da tecnologia de inteligência artificial pode influenciar no processo de ressignificação do luto frente a situações de morte. E específicos, analisar como a criação do avatar da pessoa falecida pode afetar na tomada de decisões, percepções e significação da morte e compreender como os atendimentos psicoterapêuticos, diante das inteligências artificiais de avatares, podem atuar neste cenário tecnológico.

2 METODOLOGIA

O presente artigo foi voltado para a busca do conhecimento visando aplicação em uma situação específica. Logo, foi construído um estudo exploratório, visto que, tem como objetivo “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (Severino, 2007, p. 107), é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, que possibilita apurar e desenvolver estudos que considera aspectos anteriormente abordados em pesquisas (Gil, 2002).

O desenvolvimento do artigo foi designado para uma abordagem qualitativa, já que “faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas” (Severino, 2007, p. 103). Foi empregado o método de pesquisa bibliográfica, tem como área de conhecimento a ciência da saúde e tecnologia, com a finalidade de pesquisa aplicada com o propósito exploratório. A coleta de dados foi realizada através da plataforma de artigos pré-escritos que referenciam os assuntos abordados como o Google acadêmico, Scielo, Periódicos CAPES e portal de Periódicos

Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), utilizados pela diversidade de estudos favoráveis ao tema, além de uma confiabilidade de pesquisas analisadas e publicadas.

Tem como destino possibilitar maior familiaridade com o tema, com a intenção de torná-lo mais explícito e de fácil compreensão. Se denominando como pesquisa bibliográfica por ter registros realizados por estudos anteriores que “servem como base para o pesquisador compreender determinado tema ou problema” (Batista; Kumada, 2021, p. 8).

A fim de dar continuidade e desenvolver conhecimentos favoráveis para posteriores publicações a partir de análises anteriores, como a cientificidade do tema pode ser abordada em contextos diversos levando em consideração os conhecimentos aprofundados possibilitando a replicação e reflexão, por isso, todo novo trabalho requer o “resgate das produções científicas acumuladas sobre o assunto, com o intuito de dar um passo adiante na caminhada trilhada por outros estudiosos” (Batista; Kumada, 2021, p. 4).

3 A MORTE E O MORRER AO LONGO DA HISTÓRIA

Buscar conceituar o significado da morte em uma única vertente quer seja científica ou cultural, torna seu entendimento ou enfrentamento como verdade absoluta, excluindo as adaptações, subjetividade e os próprios fatores históricos que regem o *post mortem*. A linha temporal histórica ocidental estabelece uma compreensão das mudanças sobre aspectos comportamentais e emocionais da confrontação da finitude da vida e “essa consciência de finitude suscita inseguranças, como o medo do desconhecido [...]” (Blanco; Bonfatti, 2021, p. 86)

Phillipe Ariès (2012), historiador francês medievalista, em sua obra intitulada *História da morte no ocidente*, exprime que, ao passar do tempo os rituais, religiosos e culturais ocidentais, diante da morte se modificaram de forma sutil desde a Idade Média até se tornarem o que comumente é expresso na contemporaneidade. Dá ênfase, no período da era medieval ao século XVIII, ao conceito de “morte domada”, como experiência anterior ao falecimento, sendo esse, alvo de um aviso prévio de seu acometimento dado por um predizer natural do próprio corpo, onde seus ritos estavam estabelecidos no processo de conhecimento da finitude do indivíduo e reunião pública e familiar em seu quarto, sendo, o próprio moribundo, responsável pela organização de seus cuidados, divisão de bens e funeral, sendo favorável a atenção de que a celebração

se propunha “[...] de modo cerimonial, evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoção excessivos” (Ariès, 2012, p.39-40).

O autor relata ainda que a partir do século XVIII, ao se tratar do falecimento do outro, há uma visão romantizada baseada nas memórias, em vez de ser algo ritualístico como a morte domada, é modificada para manifestação de emoções, “a expressão da dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova com a separação.” (Ariès, 2012, p. 69). Glacola Júnior (2005) reverbera que o ritual eximia uma passagem para a eternidade que tinha como expectativa o renascimento, assim o retorno de habitação corpórea da alma.

Ao por conceitos de memorial religioso tanto do falecido quanto de sua família, a individualidade do sujeito, acometido com a advertência da morte, é regido pela sua necessidade de elaborar o seu processo fúnebre por meio da escrita, conhecido, desde o século XVIII, como testamento, sendo expresso como “[...] uma defesa contra o esquecimento ou a negligência tanto da paróquia quanto da família” (Ariès, 2012, p. 71) formado pela exigência comprovada de que o desejo do indivíduo seria respeitado.

Quando se pensa sobre a morte, os rituais fúnebres se põem em evidência no conceito mais palpável que é o sepultamento. Ariès (2012) explica, na Idade Média durante sua primeira metade, que era mantida sua cultura de agrupamento de sarcófagos que, corriqueiramente, permaneciam no anonimato, dependendo da reputação e posicionamento econômico do indivíduo, surgindo, durante esse período o que o autor chama de “arte fúnebre” esculpindo uma representação do falecido sob o túmulo, o que se expressa à percepção de que havia e continua havendo a necessidade de perpetuação do corpo do outro como conserva de memórias para os conhecidos em vida.

Já no período da Roma Antiga, os locais que os falecidos eram enterrados estavam listados em números a fim de preservar tanto a sua identificação como forma de manter a recordação por meio da datação e sua imagem, seria a consciência de que havia a necessidade de conservação da identidade do falecido (Blanco; Bonfatti, 2021). A partir do século XIII, Ariès (2012) registra que havia a reconstrução do corporal do sujeito com a finalidade de aproximar a sua estrutura quando vivo para que pudesse retratá-lo com vitalidade mesmo em sua constituição física cadavérica, diferentemente do que se fazia em décadas anteriores da era medieval que se encerrava o ciclo da vida em um caixão para que as pessoas não pudessem ver ou ter acesso ao cadáver, a partir disso afasta parcialmente conceitos religiosos e sanitários focando no emocional.

Já no fim da Idade média, Ariès (2012) estabelece uma dualidade na ideia do luto, que se estendia para a expressão dos sentimentos de dor durante um determinado

tempo e a defesa daqueles que exprimem essas emoções da perda em contrapartida das novas obrigações sociais que lhes eram atribuídas. Algo que, na experiência do sepultamento, a necessidade de uma reformulação da celebração ou despedida, no século XIV até o início do século XIX, é dado a origem, as capelas privadas, reservado para as famílias que não concordavam com ritos comuns que estabeleciam o anonimato do falecido, assim, gerando um novo conceito que reunia familiares em um encerramento privado, o que Ariès (2012, p. 187) exprime que

a afeição que une os membros vivos da família é transferida para os mortos. Assim, o jazigo de família é talvez o único lugar que corresponde a uma concepção patriarcal da família, onde são reunidos sob o mesmo teto várias gerações e vários casais.

Por isso, é expresso que desde da reformulação dos ritos fúnebres, os cultos em jazigos, que surgem durante o século XVII, o culto se relaciona a estrutura física e como o morto é representado, por meio de sulturas e máscaras, em vida e que, a morte é reunida e manifesta em um diverso caráter de crenças que é tomado pela sensibilidade de reaver memórias e sensações que eram experimentadas ou não em vida do falecido e que, mesmo que atualmente se veja o ritual diante da morte, relacionados aos cemitérios, como algo histórico longínquo, as manifestações de sentimentos são consideravelmente recentes ao estabelecer as tradições. (Ariès, 2012).

Na atualidade, Ariès (2012) escreve sobre como as mudanças históricas impactam em como a morte afeta e afetarão familiares e conhecidos, até o próprio acometido antes de sua real finitude, expressando que não há mais o conhecimento de como acontecerá sua morte, se tornou algo velado para “benefício” do sujeito que incide o óbito. “Tudo se passa como se ninguém soubesse que alguém vai morrer, nem os familiares mais próximos nem o médico [...]” (Ariès, 2012, p. 209) e quando já não há como haver a recusa da morte, o que antes era designado em honra do morto, essa preocupação se modifica para atenção e consolo dos familiares e conhecidos.

O foco no sentimento familiar em relação ao luto, no que Ariès(2012) explica como “morte interdita”, atualmente exige que os meios ritualísticos não se tornam mais obrigatórios, nem a obrigatoriedade de expressar a dor da perda, além de extinguir a reclusão social e o uso das vestimentas pretas como simbolização do luto, “não convém mais anunciar seu próprio sofrimento e nem mesmo demonstrar o estar sentindo” (Ariès, 2012, p 233) caracterizando a morte como interdito, com a exigência de um autodomínio de suas emoções.

Refletir sobre o fim da vida é, muitas vezes, assustador, devido o perceber de uma finitude que não expõe datas nem motivações para acontecer, mas que é uma certeza universal. Ao longo dos anos, pela evolução tecnológica e aprofundamentos científicos, “a significação da morte abrange diferentes contextos, desde sofrimento a celebração de algo que possa vir a ser espiritualmente superior” (Melo *et al.* 2013, p.154). Por isso, apesar de estruturar uma linha tênue de enfrentamento “nenhuma experiência humana é mais avassaladora do que a própria morte, mas os diferentes hábitos e perspectivas de vida do indivíduo determinam como essa questão é tratada” (Portes, 2022 p.22).

3.1 A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA ERA DIGITAL

Quando se trata das eras digitais, percebe-se uma crescente demanda de exibição de felicidade, “os sujeitos estão imersos nessa regra de ser feliz a todo o momento” (Fonseca, 2021, p. 27) isso exemplifica o fato de que sempre irá haver algo ou alguém que está mais ou menos feliz sendo expostos de forma voluntária ou involuntária nas mídias o que não dá vazão a demonstrar sofrimentos, de modo que se apresenta para o enlutado como "restrição das possibilidades de expressão, sendo mais crescente a lembranças do que efetivamente a presença (Freitas, 2013). É imposto um padrão comportamental que gere a necessidade de “esconder” aspectos emocionais essenciais para a ressignificação e autoconhecimento, por isso afirma-se que:

Assim, como forma de não se perder de tudo e não se perder de si mesmo, ou ainda, pela carência de polos de sustentação de si próprio, o sujeito se agarra de forma viscosa a tudo o que pode numa tentativa de se defender do “abismo do vazio”. Não pode perder nada, nunca, dadas as condições atuais de insegurança e imprevisibilidade. (Fonseca, 2021, p. 28-29).

Diante de fotos e vídeos, disponíveis a qualquer hora do dia, o estado de terminalidade da vida também é afetada nesse contexto de mídias sociais, a experiência da perda é o impacto físico, o indivíduo tem acesso contínuo a “vida social” exposta pela pessoa que morreu já que fica exposto como um memorial, podendo entender que “[...] a chance dessa anulação da construção da comunicação colabore, para uma confusão mental na distinção entre o real e o virtual” (Cousandier *et al.*, 2017, p.9).

Mesmo que se busque forma de prolongar a vida e que ainda haja uma recusa na aceitação da certeza da morte, vai depender das circunstâncias e dos momentos emocionais que o indivíduo se encontra e como é utilizado a fuga do contexto

angustiante do luto como mecanismo de defesa (Melo *et al*, 2013), atualmente, a tecnologia é baseada como uma tentativa de expandir aspectos físicos e mentais humanos, manter uma memória viva, com a possibilidade de interação e uma “espécie de culto apresentando espaços online que estão disponíveis para replicação 3D do corpo da pessoa falecida” (Cousandier *et al.*, 2017, p.10). É necessário levar em consideração de que a elaboração do luto é costumeiramente lenta, já que o sujeito reelabora sua vida em torno da perda de um ente querido, explicita que “é comum também o sujeito reviver diversas lembranças atreladas a esse objeto perdido como parte do trabalho de luto, momento bastante doloroso para aquele que o vivencia” (Fonseca, 2021, p. 28-29).

Porém, há uma fragilidade ao lidar com questões emocionais vivendo em um período de evolução tecnológica constante e cobranças de um mascaramento de emoções, enfrenta de forma superficial a exigência de reorganização frente ao novo campo relacional que se impõe, com necessidades e rearranjos próprios de cada sistema (Freitas, 2013), buscando métodos que fujam de atribuições de significações da morte que atribuam à saudade, pois significar a morte quer dizer enfrentar eventos traumáticos e aceitar que a vida é finita, além de reconhecer que a pessoa falecida não retornará e assim, tentar superá-la, o que implica na condição de rompimento de laços emocionais físicos, para apego a lembranças.

4 O QUE É INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A partir do desenvolvimento de tecnologias capazes de automatizar afazeres domésticos, produção industrial em massa e processos burocráticos de diversos âmbitos onde a ação e racionalização humana são consideradas lentas, são propostas combinações algorítmicas capazes de simular a inteligência humana, em uma perspectiva simplificada, pode-se pensar a Inteligência Artificial como a reprodução de todos os comportamentos que o cérebro humano controla (Kaufman, 2016).

A capacidade de aprender com dados, devido à análise de informações e padrões identificativos para tomada de decisões, é semelhante ao raciocínio humano, “começa a estar presente em muitas áreas do domínio humano, sendo reconhecida a sua capacidade de otimizar e de agilizar muitas atividades em diferentes domínios” (Seco; Espada, 2021, p. 77). Quando relacionado à replicação de comportamentos e pensamentos humanos em máquinas, é preciso destacar o considerado “pai da

computação” e pioneiro de pesquisas e desenvolvimento de computadores que eram habilitados a imitar o comportamento humano, Alan Turing, devido a sua teorização, no artigo de 1950, *Computing Machinery and Intelligence*, se referindo ao seu experimento que tinha como objetivo de “diante de determinadas condições, uma máquina, nos moldes de um computador digital, pode ocupar o lugar de um ser humano num diálogo” (Pinto, 2020, p.54)

Alan Turing estudou formas de aprimorar as máquinas na possibilidade de torná-las equivalentes as características linguísticas humanas até que não pudessem ser reconhecidas como uma tecnologia e serem confundidas com interações humanas mútuas, utilizando um artifício que chamou de “jogo da imitação” trazendo uma proposta de verificar se a máquina poderia reproduzir com maestria condutas humanas que poderiam confundir um observador designado como imparcial (Silveira, 2020). O objetivo de Turing era provar que a tecnologia não seria capaz de reproduzir emoções e sentimentos humanos “reconhecendo que as máquinas executam ordens predeterminadas e não criam por conta própria, com isso, não pode desenvolver consciência” (Silveira, 2020, p.25).

O que diferencia o processo computadorizado de possíveis padrões subjetivos do indivíduo é a intencionalidade. O que define a Inteligência Artificial é a busca por fatores tecnológicos binários que se assemelhem aos funcionamentos da mente humana como o ato de “pensar”, mesmo que o desempenho teórico computacional seja superior a do sujeito, “não há estudos práticos que conceituem como a mente humana e suas experiências psicológicas possam ser replicadas de maneira autônoma e intencional” (Kaufman, 2016, p. 7).

A replicação dos comportamentos do indivíduo se apresenta na configuração estruturando uma tentativa de imitação do que se conhece como subjetividade, reconhecendo um modelo intelectual pré-existente nas plataformas digitais (Kaufman, 2016). Leal (2018) explica que fotos, vídeos e contas em redes sociais se configuram com *heranças digitais*, como registros de tudo que se posta na internet, ainda, exprime preocupação com a utilização desses dados de forma indevida por plataformas e servidores que contém acesso irrestrito a informações mesmo após a morte do usuário.

O desenvolvimento de softwares que possibilitam a replicação de dados e imagens de pessoas falecidas em avatares tridimensionais traz a tona uma discussão sobre a negação da finitude da vida do outro, pois o fato é que, segundo Cunha (2021) os estudos científicos a cerca da morte tem como objetivo proporcionar novas lembranças e rememoração desenvolvendo uma ressuscitação virtual do indivíduo, que

pode prejudicar o discernimento de que é uma interação virtual baseada em uma realidade fictícia diferente do contexto do cotidiano.

A proximidade de empresas especializadas no desenvolvimento de softwares de inteligência artificial e criação de avatares formalizam plataformas de uso, em sua maioria, gratuitos que permitem o usuário a modificação conforme o conceito que se lembra do falecido ou permite que sejam acessados dados pessoais já catalogados em outras redes sociais, o que de acordo com Tibúrcio *et al.* (2022) é descrito como metaverso que é uma área virtual passível de interações com outras pessoas ou criação de ambientações idealizadas, não necessariamente que passem pela via da realidade.

4.1 SOFTWARE LIVE FOREVER

A desenvolvedora *Somnium Space* é especialista na criação de plataformas tecnológicas capazes de ligar o ser humano com novas formas de utilizar novidades virtuais integradas ao seu dia a dia. O projeto *live forever* tem visibilidade na formação de avatares que permitam a imortalidade em sua aparência, comportamento e falas do sujeito já falecido, sendo uma plataforma desenvolvida pelo fundador Artur Sycov, que exprime que sua intenção inicial é a possibilidade de fazer permanecer viva a memória do seu pai, que faleceu devido a um câncer agressivo, proporcionando que o CEO e sua família pudessem interagir naturalmente com ele (Canzani, 2022).

A ideia do modo de inteligência artificial *live forever* desempenha a experiência do acesso ao ideal da pessoa falecida replicando as características a partir da noção da personalidade do indivíduo que o usuário, que a cria, tem, o que independe de traços reais do próprio sujeito, o software não abarca verdadeiramente uma captação da individualidade e sim uma percepção de terceiros, “pode-se entender que a chance dessa anulação da construção da comunicação colabore, para uma confusão mental na distinção entre o real e o virtual.” (Cousandier, 2017, p.9).

O ambiente virtual é atrativo devido o ideal de permanência mesmo após a morte. Mesmo que a busca pela imortalidade não seja algo preferencialmente buscado apenas pela tecnologia, é possível perceber a expansão além finitude da vida, que fornece o imortal de maneira simbólica (Chaffer; Goldston, 2022). O aplicativo está disponível na plataforma da própria desenvolvedora, utilizando no ambiente virtual, que é designado como metaverso, os dados são provenientes do usuário que usará o software, as informações coletadas são reproduzidas em um avatar de inteligência artificial que replica comportamentos e falas, tal qual, o objetivo do desenvolvedor, e

proprietário da empresa, de que não haja distinção do que é tecnológico e do que é real e que as pessoas que utilizarem o sistema, poderão conversar com os entes falecidos de forma recorrente (Kalil, 2022).

O metaverso foi criado a partir da alteração do nome do aplicativo Facebook para Meta e sua aplicação permitiu criar espaços comparados a “terrenos digitais” com avatares que pudessem interagir com outros usuários de qualquer lugar do mundo (Castro; Maciel, 2023). A Somnium Space utiliza da mesma prerrogativa que a empresa Facebook, porém com o objetivo de eternização e interação do indivíduo real e o virtual. Para uma melhor imersão, o software *live forever* tem adaptabilidade para óculos de realidade virtual permitindo visibilidade em 3 dimensões que permitem a sensação de estar no ambiente programado, além do futuro lançamento de trajes que simulam a sensação do toque (Kalil, 2022).

Diferentemente dos memoriais digitais, que tem como objetivo “permitir que os usuários expressem suas homenagens a falecidos” (Maciel *et al.*, 2022, p. 84) a fim de incentivar a expressão do luto e possibilitar a participação de rituais fúnebres e homenagens de lugares diferentes do local do sepultamento, o software *live forever* foi desenvolvido para não identificação do que real e do que é digitalmente criado, permitindo uma interação profunda e contínua com a inteligência artificial (Canzani, 2022).

Apesar de que, não haja estimativa de público-alvo registrado devido a reformulação do *software live forever* à sua usualidade em óculos de realidade virtual, Silva *et al.* (2021) elenca as principais características de usuários que tem conhecimento sobre o uso de um sistema que pudesse fornecer interações com pessoas falecidas, um estudo realizado com 112 participantes, em sua maioria do gênero feminino, abrangendo uma faixa etária de 15 a 35 anos sendo mais amplo na pesquisa. Durante a percepção do questionário *Utilização dos dados dos usuários em plataformas de simulação da vida*, Silva *et al.* (2021) expuseram que houveram respostas divergentes com uma faixa de diferença significativamente próxima, sendo 46 pessoas não concordam com o uso de dados nessas plataformas, o artigo também divulga as principais justificativas dos participantes entre o levantamento das possíveis consequências uso das plataformas, evidenciando opiniões como a imprevisibilidade da recreação e da interação, possíveis causadores de dolo social de quais objetivos a empresa criadora possa a vir ter com o emprego e também vislumbrar sobre processos psicológicos que possam ser afetados.

Lopes, Pereira e Maciel (2014) expandem a ideia da caracterização das memórias digitais a possibilidade de uma interação que posteriormente vire uma relação, seja ele com o consumidor do software com outros consumidores ou com a própria memória ou idealização do avatar, podendo ser utilizado e modificado por pessoas que tiveram alguma ligação com o falecido. Silva *et al.* (2021) em seu questionário *Utilização de Chatbot e Avatares para o contato póstumo com o falecido* traz dados primordialmente negativos dos participantes expondo que 75 participantes não se sentem confortáveis de conversar com alguém que já morreu dos 112 constintuintes, ainda, a maioria se mostraram contra a geração de avatares de uma pessoa falecida e expõe que as justificativas apresentadas giram em torno de sentimentos invasivos e relacionados a possíveis efeitos prejudiciais do enfrentamento do luto, outros participantes com perspectivas positivas da utilização dos avatares exprimem que o desejo é de um local digital que possam depositar suas memórias porém, sem o interesse de conversar com a inteligência artificial.

5 IMPACTOS NO COMPORTAMENTO DA UTILIZAÇÃO DE AVATARES DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E RESSIGNIFICAÇÃO DO LUTO.

De acordo com Carnáuba *et al.* (2016) a morte está presente no cotidiano, é concreta e inevitável, por isso, a morte é um fragmento e complemento pertencente à vida, mas embora a probabilidade de sua ocorrência esteja presente durante todo o tempo, as pessoas desenvolveram no decorrer da história uma aversão sobre o tema. O temor sobre o acontecimento inevitável deixa evidente as inseguranças enquanto seres vivos (Rente; Merhy, 2020), principalmente no medo de perder alguém que a interação afetiva tem um elevado grau de importância.

O luto é expresso como um processo subjetivo de cada indivíduo que enfrenta uma perda significativa, o que pode abalar ou não a saúde mental do enlutado. Alcântara e Silva (2021) explicam que o luto é regido por tarefas progressivas que influenciam na conservação e adaptação da saúde mental indicando a necessidade de compreender o tempo de cada sujeito assim como incentivo ao retorno da vida diária de maneira saudável. Porém quando os sintomas provenientes do luto se estabelecem em uma quantidade de tempo relativamente longa, é necessário observar que sua incidência

pode acarretar o desenvolvimento do luto complicado, que validam o diagnóstico e assim, permitindo uma intervenção psicológica mais eficaz.

O ajustamento do indivíduo em acontecimentos impactantes como o enfrentamento da morte do outro é expresso, visivelmente ou não, na tentativa de balanceamento dos comportamentos com os sentimentos a fim de gerir o desejo do retorno do falecido e adaptação a vida cotidiana, Gomes (2022) designa que os ajustes de situações que causam estresse e sofrimento são mediadas através de ações com o objetivo de diminuir a intensidade da vivência emocional conturbada, sendo chamado de *coping*, na qual o indivíduo tenta reduzir os efeitos negativos do luto. A resposta pessoal ao causador de angústias expressa o uso de recursos de enfrentamento para que haja um reajuste das funcionalidades do sujeito enlutado, sendo biopsicossociais, quando as respostas automáticas corporais e psíquicas não são suficientes para lidar com este ajuste frente ao desequilíbrio causado sendo ligada a relação indivíduo-falecido, as estratégias de enfrentamento são essenciais. (Gonçalves, 2013).

Ao se tratar de tecnologia, as estratégias de enfrentamento têm contribuição em plataformas que tem o objetivo de eternizar as memórias dos entes em ambientações em que o falecido se mantinha presente e, ainda, servir de expressão de um simbolismo de acontecimentos presentes (Faria, 2016). Cunha (2021) expressa que a tecnologia é um novo método de auxílio na elaboração do luto como uma nova forma de recordar de momentos vividos com o falecido e a possibilidade de despedida e verbalização de sentimentos que são da vontade do ente que fornecem um mecanismo de comunicação póstuma de formar a consolar e possibilitar a interação “uma última vez” expandindo o que costumeiramente é ritualístico em ambientes fúnebres, além de incentivar a vista de uma nova perspectiva de continuidade da vivência cotidiana.

Quando se trata do entendimento da perda, é necessário um olhar crítico para o ocultação de emoções e na dificuldade de reestruturação da vida, não aceitar a realidade da perda e manter-se vinculado ao falecido sem observar novas possibilidades de transferência emocional desses sentimentos corresponde ao que Worden (2013) chama de *laços continuados*, que, no contexto da recusa da perda, não se torna um processo adaptável e sim resistente como forma de dar continuidade aos sentimentos impedindo essa separação, gerando em grande parte, angústia e desejo que o falecido retorne, logo “[...] há uma tentativa, quase universal, para recuperar o objeto amado perdido e/ou existe a crença de além-morte, em que se possa reencontrar a pessoa amada” (Worden, 2013, p. 3).

Ao se tratar da não elaboração da perda de maneira satisfatoriamente saudável, Netto e Kreuz (2018) dissertam que há um impedimento nas tomadas de decisões favoráveis para retomar o curso da vida, designado como luto complicado, levando em consideração particularidades de cada sujeito e seu vínculo afetivo com o falecido.

Em contrapartida da aceitação da perda, o desenvolvimento do software permite interação intermitente ao falecido, tanto visual quanto, futuramente, física. Worden (2013) expressa ritos informais relacionados a objetos de ligação que possam vir a fazer parte da memória de momentos vividos com a pessoa falecida, caracterizados na identificação comportamental do processo do luto, atentando a recorrência de comportamentos associados a possibilidade de desenvolvimento do luto complicado.

Kübler- Ross (2002), em seu livro *sobre a morte e o morrer*, exprime que pessoas enlutadas que estavam em uma relação afetiva significativa manifestavam sintomas corporais possivelmente causados pela não adaptabilidade do pesar pela morte do outro, o estudo manifesta sua explicação por meio do enfrentamento do luto complicado. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014) designa que o *Transtorno do Luto Complexo Persistente* no critério C no tópico *Sofrimento reativo à morte* que há uma dificuldade de aceitação da perda e os sintomas descritos prevalecem por pelo menos 12 meses posterior ao falecimento do indivíduo ao qual tinha alguma relação emocional, exprime a experiência da percepção da presença do falecido.

Pode-se entender no primeiro estágio do luto, a negação, que a percepção da ausência física do falecido ainda não é aceita, de acordo com a autora, exprime um estágio que não deve ocorrer por um tempo prolongado, porém é possível observar na vivência dos laços continuados que se torna recorrente, trazendo comportamentos evitativos tanto sobre o enfrentamento do luto quanto ao afastamento social e, com o uso da inteligência artificial, as atitudes se ligam ao ideal de que a pessoa falecida ainda permanece presente, contribuindo para a idealização de uma interação e realidade desconexas ao acontecimento da finitude da vida (Kübler- Ross, 2002).

O isolamento social do indivíduo reflete o estágio da raiva, que de acordo com Kübler- Ross (2002) é uma fase de direcionamentos emocionais mais comumente visualizados por situações em que o enlutado enfrenta de maneira mais irritada, “procura um culpado por sua perda e direciona seus sentimentos de raiva a outras pessoas” (Rocha; Fonsêca; Sales, 2019, p. 37), podendo levar a condições mais agressivas, quando ocorre, é crucial uma rede de apoio para entendimento desses sentimentos, possibilitando um ambiente favorável para o desenvolvimento do

enfrentamento desse e de outros estágios. Quando é analisado o fator do uso de avatares de inteligência artificial, é possível observar que, o simbolismo da pessoa falecida redireciona a uma interface mais próxima da real, uma mediação que faz com que o sujeito não busque ou recuse meios de auxílio em sociedade, apenas recluso de uma tecnologia a fim de viver experiências, “[...] ler a realidade como algo passível de ser codificado integralmente, a fim de nos distanciar de nossa condição falível, limitada e em direção à morte.” (Silva; Veliq, 2021, p. 621).

A fuga do sofrimento do luto traz uma perspectiva nociva para o enfrentamento, os avatares de IA designam o fechamento de “barreiras” emocionais que necessitam ser exploradas prolongando o processo, com o objetivo de busca de uma nova interação e possível remediação de promessas feitas antes da morte do outro, Kübler- Ross (2002) expõe esse estágio como barganha ou negociação, com o objetivo de retorno da normalidade anterior ao falecimento, se utilizando de verbalizações ou comportamentos que, simbolicamente, promessas que façam a reversão do acontecimento. Rocha *et al.* (2019) caracteriza a atitude da negociação como algo comum ao processo de luto, elucidado pelos comportamentos introspectivos mais fortes e isolamento social em sintomas paralelos a depressão.

O enfrentamento nesse estágio, quando relacionado ao uso do software, exige o que Kübler- Ross (2002) expõe o estágio da depressão e fornece o entendimento desse estágio elucidando o que chama de depressão reativa, o que designa pelas consequências geradas pela morte de um ente querido, devido a não presença física ou o encerramento de comportamentos afetivos na qual era recebido ou dado. Kaufman (2020) cita as maneiras que a inteligência artificial media processos de conexões, exprime o conceito de digitalização em simetria na criação de redes sociais e, conseqüentemente, avatares, que o objetivo é que não haja perda das características do indivíduo, mas que possa recriar e desenvolver novas habilidades e possibilidades a partir do algoritmo original, no caso, o falecido.

Kübler- Ross (2002) ainda expõe que o último estágio descrito como aceitação representa uma externalização e consentimento da morte do outro, compreende que ocorreu a perda e pode ressignificar o luto e retornar a sua funcionalidade psíquica e comportamental habitual. Não há uma ordem a ser seguida nos estágios do luto, o que pode acontecer de oscilações entre eles, os comportamentos mais comumente visíveis durante o enfrentamento da perda do outro, de acordo com Figueiredo e Almeida (2019) são relacionados à sensação de continuidade da presença do falecido, variando em

sonhos, percepção de cheiros, em grande parte o aspecto de expressão de sofrimento como o choro, desânimo e insônia.

Ao se tratar da tecnologia de inteligência artificial, Cunha (2023) mostra que, o uso do avatar tem objetivo direto de não percepção do simbolismo, transformando em um processo real para o indivíduo, o que pode-se atentar para que, comportamentos evitativos não permitem uma passagem saudável pelo enfrentamento, isto, pelo acesso irrestrito ou utilização como modo desorganizado de compreensão da perda.

6 ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO AUXÍLIO DO ENFRENTAMENTO DO LUTO

A psicologia tem um aspecto fundamental como ferramenta de enfrentamento do luto que de acordo com Figueiredo e Almeida (2019) é um espaço que oferece condições acolhedoras para que o indivíduo possa se expressar livremente, sendo estabelecido, no processo terapêutico, o que perpassa fronteiras subjetivas do sujeito tal como o processo de entendimento que a pessoa tem do seu sofrimento, baseado na experiência passada, nos acontecimentos presentes e nas expectativas futuras frente à morte.

A clarificação da experiência leva ao psicólogo como participante direto no acompanhamento e suporte emocional nas falas que se desenvolvem no processo, “o indivíduo descobre que pode ser sua experiência com toda sua variedade e contradição superficial” (Rogers, 1997, p. 93). Ao proporcionar um ambiente acolhedor, a experiência terapêutica é mutuamente construída, já que busca estabelecer uma conexão e afinidade, tentando estar o mais perto possível da vivência do paciente, ajuda a explorar e ficar consciente de que forma é possível perpassar pelas etapas do luto. De acordo com Kovács (2013) o processo da terapia focada no luto estabelece um ponto principal que é a relação terapeuta-cliente, pois permite que haja um acolhimento incentivando a verbalização do sofrimento e assim, identificar potencialidades e dificuldades enfrentadas pelo paciente.

Figueiredo e Almeida (2019) expõem que maneiras de ressignificação da perda pelo enlutado podem ocorrer através de pontos de ajuda profissional, incluindo equipes multiprofissionais de assistência ou não especializadas, ou focadas no acolhimento emocional com relação a parentes, amigos ou por pessoas com experiências semelhantes, o que torna em comum os aspectos psicológicos o auxílio em prol do enfrentamento saudável luto. Porém, o psicoterapeuta observa a demanda que é

formulada e o encoraja a explorar seu senso de direções e novas opções de atuação, conforme a consciência e novas perspectivas emergem, trazendo dinâmicas de confrontação perpassando o que Leal *et al.* (2019) aponta como convivência frente a perda, que não há imposições pessoais do terapeuta, sejam elas, objetivos ou valores, se concentrando no fornecimento de um ambiente de apoio, para que o paciente observe a possibilidade de retornar as atividades da vida diária, atrelado ao conceito de abertura de novas possibilidades para o sujeito, focando na importância necessária ao processo organísmico e como ele se manifesta.

O psicoterapeuta necessita estar ciente e familiarizado com as dimensões tanto terapêuticas quanto ao que perpassa o habitual não teórico sobre a morte e o morrer pois pode ser entendido como um direcionamento para o desenvolvimento, consistindo na reorganização da experiência, como afirma Camara e Bassani (2019) o estudo da área da tanatologia favorece em um atendimento mais eficaz já que quanto mais o paciente encara a realidade da perda, mais as intervenções psicológicas tendem a ser mais expansivas às possibilidades de intervenções pois é demandado uma atenção aos sinais e sintomas apresentados a fim de evitar o desenvolvimento de um luto patológico.

A tecnologia associada a criação de avatares de inteligência artificial abre uma discussão pautada na atuação da psicologia frente a era digital, já que tem como objetivo reviver memórias do falecido ou criar novas experiências. Kovács (2013) expõe, que a construção ou retorno de memórias afetivas positivas contribuem para uma passagem entre a experiência negativa e os sentimentos abalados, onde esses possam ser vivenciados de forma menos resistente e mais natural ao expressar atributos físicos e emocionais, trejeitos e personalidade do falecido, o que contribui para a estratégia de enfrentamento com o avatar mediada pelo processo psicoterápico, visto que de acordo com Kaufman (2021) é a partir de dados já computadorizados anteriormente que a aplicabilidade da inteligência artificial se torna mais fiel ao seu propósito de replicação, além de que é sugerido um suporte especializado que mitigue possíveis danos que não permitam sanar ou contribuir para o alívio do sofrimento humano, denomina ainda que o alinhamento das práticas tecnológicas precisam seguir os fundamentos de dimensões sociais como o dos cursos e atividades da área de humanas emergindo de uma ideia de interdisciplinariedade de atuação.

A morte provoca, muitas vezes, comoção e abala a realidade subjetiva de quem enfrenta a dor pela perda do outro, a era digital permite que as memórias possam ser revisitadas de maneira mais visível e ilimitada, este contato estabelece o que Kovács (2013) chama de *uso de símbolos* como contribuição terapêutica para o enfrentamento

do luto frente à morte, consistindo em uma utilização de objetos da pessoa falecida contribuindo para uma proximidade, onde o psicoterapeuta direciona a fala do cliente não mais sobre a pessoa que faleceu, mas em um simbolismo direto para o próprio finado, fazendo uma aplicação mais diretiva nos avatares de inteligência artificial na técnica de *imagens dirigidas* que possibilita, dependendo da relação paciente-falecido anteriormente, a expressão dos sentimentos pontualmente presente na fala, este sem a necessidade de objetos externos, mas possível através da tecnologia que possibilite a assimilação e aceitação da perda.

A velocidade de desenvolvimento das tecnologias aliadas as replicação de comportamentos humanos representa uma multiplicidade de possibilidades de recursos a serem utilizados nas mais diversas áreas da psicologia. Diniz (2021) informa que é possível analisar o uso dos eletrônicos como possíveis recursos que favorecem a prática clínica, como utilizados em psicoterapia online e descreve que o uso de inteligência artificial em seu tópico *Realidade Virtual* é apontada como positiva para interação paciente-terapeuta no enfrentamento de fobias, mas também descreve para o uso de situações estressoras a fim de imergir o cliente em simulações aproximadas da realidade permitindo a exploração de ambientes e possibilidades de resolução de problemas.

Mesmo que, existam considerações positivas frente à tecnologia de realidade virtual, a utilização na psicoterapia requer um manejo especializado, estabelecendo fatores provenientes aos conhecimentos adquiridos para uma aplicação efetiva já que a morte vai além de um enfrentamento teórico, mas rege toda a subjetividade do indivíduo e seu ambiente biopsicossocial.

Tavares (2018) afirma que há uma ligação da dor como forma de enfrentar uma nova realidade que será imposta ao indivíduo por isso deve haver um acolhimento que reformule uma etapa de amparo visando a ausência física do falecido para que haja a transferência de suas emoções. O psicoterapeuta auxilia para que o paciente desenvolva uma compreensão mais profunda de suas próprias necessidades e desejos, e para avaliar se suas expectativas são realistas ou estão alinhadas com o que gostaria de ser ou receber, quando evitativa, pode estar se protegendo ao evitar lidar com questões mais íntimas e vulneráveis na relação com a morte, por isso, o processo terapêutico fornece condições para que o conforto e acolhimento sejam alcançados e assim, incentivando a expressão de sentimentos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O morrer designa ao ser humano a certeza de finitude inevitável da vida, seja dele mesmo ou do outro, buscando métodos de enfrentar a perda, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes que contribuam para a expressão da sua subjetividade frente à morte, onde, aspectos emocionais regem comportamentos que relembrem ou diminuam o afastamento presencial do falecido. Com isso, o desenvolvimento de tecnologias que perpassam desde a comunicação entre usuários até a replicação da presença do indivíduo, de forma digital, com caráter visual e interacionista, introduziu o interesse de empresas, especializadas em *softwares* de inteligência artificial, para criar recursos computacionais que permitissem que houvesse interações do sujeito e o avatar programado da pessoa falecida, equiparando comportamentos até a replicação da voz.

O presente artigo teve como objetivo geral o desenvolvimento de um estudo, a partir de buscas bibliográficas, que contribuísse com a compreensão de como a utilização da tecnologia de inteligência artificial pode influenciar no processo de ressignificação do luto frente à situações de morte do sujeito. Foi percebido que, a tecnologia como estratégias de enfrentamento gere outras possibilidades de perpassar pelo luto pela morte, adentrando aos preceitos sociais reconhecidos na pesquisa. Ao longo do artigo compreende-se que, o uso de IA's contribuem também no alívio de sofrimentos emocionais frente à perda do outro, visto que, é possível o indivíduo perpassar pelo processo de luto expressando de forma mais ativa percebendo a si e reformulando o significado do sofrimento, cabendo a possibilidade de despedida do falecido, que as influenciam ao processo de aceitação.

Em consonância, foi possível observar também, que o luto frente à morte, com o uso da tecnologia enquanto maneiras de enfrentamento associado ao uso de *softwares* de inteligência artificial, podem vir a causar comportamentos evitativos na aceitação da perda, além do desenvolvimento de dependências digitais visto que a tecnologia se desenvolve para que não haja distinção imediata do que é real e o que é computadorizado. Mesmo sendo passível de oferecimento de apoio emocional, quando usado de maneira ética associada ao contexto multifatorial com profissionais especializados, há levantamento de potenciais contribuições negativas na modificação da experiência do luto, onde perpassam debates psicológicos ao qual a tecnologia adentra de forma situacional e como a psicologia pode adaptar técnicas psicoterapêuticas já existentes, pois avatares de IA's podem influenciar nas instâncias de tomada de decisões facilitando ou prejudicando a redução do sofrimento psíquico,

levando em consideração o estudo de seu proveito a partir de suas necessidades sociais e psíquicas, sendo analisado quando o luto normal vem a se tornar um luto patológico.

O artigo identifica que, as práticas psicológicas se mantêm como suporte eficiente mesmo durante o desenvolvimento rápido da tecnologia, que, em sua atividade psicoterapêutica, o acolhimento e escuta permanecem contribuído para a redução do sofrimento e identificação de dificuldade so luto frente à morte, justificado pela gama teórica interventiva que se adapta a diversos desenvolvimentos sociais, que, se beneficia pela tecnologia de IA's como novas fontes de práticas psicológicas, tanto no auxílio no processo de acolhimento da perda do outro, tanto na utilização de recursos que facilitem o atendimento de outras demandas psicológicas. A dificuldade encontrada na elaboração da pesquisa foi a escassez de estudos tanto na área da tecnologia quanto da Psicologia que abarquem a pluralidade usual da tecnologia que perpassem o objetivo de enfrentamento do sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, M. L. P; SILVA, P. A. S. O luto através de perspectivas da psicologia: uma revisão literária. **VII Seminário de Produção Científica do curso de psicologia Universidade Evangélica**. 2021. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/18836> . Acesso em: 12 de out. de 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BATISTA, L. S; KUMADA, K. M. O. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/113> . Acesso em: 20 de ago. de 2023.

BLANCO, M; BONFATTI, P. **A negação da morte como negação do processo de individuação**, Cadernos de psicologia, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 85-106, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3166> . Acesso em: 26 de ago. de 2023.

CAMARA, S. L; BASSANI, M. A. **Estudos em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade: uma revisão da literatura brasileira**. Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo , v. 39, n. 96, p. 129-140, jun. 2019 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000100013&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 12 de out. de 2023.

CANZANI, M. Somnium Space, the new metaverse company that will include a "Live Forever" option for its users. **The Cryptonomist**, 23 de abril de 2022. Disponível em: <https://en.cryptonomist.ch/2022/04/23/somnium-space-new-metaverse-company-will-include-live-forever-option-users/> . Acesso em: 20 de set. de 2023.

CARNAÚBA, R. A. *et al.* Luto em situações de morte inesperada. **Revista Psique**. Juiz de Fora, v. 1, n. 2, p. 43-51. 2016. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/psq/article/view/945/724> . Acesso em: 12 de out. de 2023.

CHAFFER, T. J.; GOLDSTON, J. **On the Existential Basis of Self-Sovereign Identity and Soulbound Tokens: An Examination of the "Self" in the Age of Web3**. Journal of Strategic Innovation and Sustainability, [S. l.], v. 17, n. 3, 2022. DOI: 10.33423/jsis.v17i3.5637. Disponível em: <https://articlegateway.com/index.php/JSIS/article/view/5637> . Acesso em: 18 nov. 2023.

COUSANDIER, C. B. *et al.* O Luto e a Comunicação nas Redes Sociais: Um Estudo Sobre Perfil Póstumo no Facebook. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. UNISINOS, Paraná, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3243-1.pdf>. Acesso em: 08 de set. de 2023.

CUNHA, V. **Morte, Memória, Esquecimento e Inteligência Artificial: novas perspectivas sobre a morte a partir da experiência de criação e reprodução digital da sul-coreana Na-Yeon**. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/234204> . Acesso em: 07 de set. de 2023.

DINIZ, T. C. F. **Tecnologia e Psicologia: uma análise da percepção de psicólogos clínicos maranhenses sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS)**. 2021. 108 f. Dissertação(Programa de Pós-graduação em Psicologia/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4296> . Acesso em: 09 de nov. de 2023.

FARIA, D. da C. **Perfis de usuários e memoriais digitais: uma análise do facebook face à interação póstuma**. 2016. 50 f. TCC (Especialização em Engenharia Web e Governo Eletrônico) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Computação, Cuiabá, 2016. Disponível em: <https://bdm.ufmt.br/handle/1/417> . Acesso em: 08 de nov. de 2023.

FARIA, G. V. de. *et al.* O luto através de perspectivas da psicologia. **VII seminário de produção científica do curso de psicologia**. UniEvangélica, Goiás, 2021. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/18836> . Acesso em: 08 de nov. de 2023.

FIGUEIREDO, L. S; ALMEIDA, M. P. P. M. de. **A dor tem cura?: avaliação da eficácia da psicoterapia na prevenção do luto patológico**. Trabalho de Conclusão de Curso. Santa Catarina. 2019. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10448> . Acesso em: 09 de nov. de 2023.

FONSECA, J. **Não me abandone jamais: as experiências de perda e luto na contemporaneidade**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/26295/1/Jade%20Morelli%20Fonseca.pdf>. Acesso em: 02 de set. de 2023.

FREITAS, J. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. abordagem gestalt.** Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 de ago. de 2023.

GIL, A. C. (1946). **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4 ed. 2002.

GOMES, M. P. F. **Luto e crescimento pós-traumático: O contributo do coping e da vinculação**. Dissertação de Mestrado. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/8838>. Acesso em: 09 de nov. De 2023.

GONÇALVES, P. C. **Estratégias de enfrentamento (Coping) no luto: uma possibilidade para a promoção de saúde**. Franca, SP, 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Franca. 2013. Disponível em: <https://repositorio.up.edu.br/jspui/handle/123456789/926>. Acesso em: 09 de nov. De 2023.

JÚNIOR, O. GLACOLA. **A visão da morte ao longo do tempo**. Medicina (Ribeirão Preto), [S. l.], v. 38, n. 1, p. 13-19, 2005. DOI: 10.11606/issn.2176-7262.v38i1p13-19. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418>. Acesso em: 19 nov. 2023.

KALIL, C; Empresa do metaverso propõe imortalidade por meio do modo Live Forever. **Metrópole**. 03 de Junho de 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/claudia-meireles/empresa-do-metaverso-propoe-imortalidade-por-meio-do-modo-live-forever#tbl-em-lnlmn17odvgjqwe05nm>. Acesso em: 20 de set. de 2023.

KAUFMAN, D. Inteligência Artificial e os desafios éticos: a restrita aplicabilidade dos princípios gerais para nortear o ecossistema de IA. PAULUS: **Revista De Comunicação da FAPCOM**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31657/rcp.v5i9.453>. Acesso em: 26 de ago. de 2023.

KAUFMAN, D. Inteligência artificial: questões éticas a serem enfrentadas. PUC, **IX Simpósio Nacional da ABCiber**, São Paulo, 2016. Disponível em: https://abciber.org.br/anaisletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/inteligencia_artificial_questoes_eticas_a_serem_enfrentadas_dora_kaufman.pdf. Acesso em: 26 de ago. de 2023.

KAUFMAN, D. Inteligência Artificial: Repensando a mediação / Artificial Intelligence: Rethinking Mediation. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 67621–67639, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n9-264. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16481>. Acesso em: 26 de ago. de 2023.

KOVÁCS, M. J. **Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 18, n. 41, p. 457–468, set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/jQrBZXqtr35w7Y8pqCFcTJH/?lang=pt#>. Acesso em: 20 de set. de 2023.

KOVÁCS, M. J. **Morte e existência humana: caminhos de cuidados e possibilidades de intervenção**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

KÜBLER-ROSS, E. **Acolher a morte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 8ª Ed., Martins Fontes. São Paulo, 1998. Disponível em: https://cursosextenso.usp.br/pluginfile.php/48564/mod_resource/content/1/Texto%20base.pdf. Acesso em: 20 de set. de 2023.

LEAL, L.; SILVA, S. C. da; SARDINHA, L. S.; LEMOS, V. de A. **A importância da psicoterapia no processo do luto**. Diálogos Interdisciplinares, v. 8, n. 1, p. 1-7, 24 maio 2019. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/633>. Acesso em: 03 de nov. de 2023.

LEAL, L. T; **Morte e luto na Internet: para além da herança digital**. 2018. 164 f. Dissertação (Mestrado em Direito Civil Constitucional; Direito da Cidade; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/9821>. Acesso em: 23 de set. de 2023.

LOPES, A. D.; PEREIRA, V. C.; MACIEL, C. Recomendações para o Design de Memórias Digitais na Web Social. In: 13th **Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems**. Porto Alegre-RS, Brasil:Sociedade Brasileira de Computação, 2014. p.275-284. Disponível em: <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=2738099>. Acesso em: 02 de nov. de 2023

MACIEL,C.; PEREIRA, V.C. ; VITERBO, J. ; TREVISAN, D. **Lápides e QR-Codes: interagindo com Memoriais Digitais no Cemitério da Consolação em São Paulo**. In: Joaquim dos Santos; Marcelina das Graças de Almeida; Michelle Ferreira Maia. (Org.). Estudos Cemiteriais o Brasil: itinerários, abordagens e perspectivas. ‘ed.Santa Maria – RS: Arco Editores, 2022, v. , p. 81-104. Disponível em: https://www.arcoeditores.com/_files/ugd/4502fa_c12fb89246dc4b179328e63ed2fbe7f3.pdf. Acesso em: 02 de nov. de 2023

MELO, A. et al . **A importância do acompanhamento psicológico no processo de aceitação de morte**. Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro , v. 13, n. 1, p. 152-166, abr. 2013 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000100010&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 28 de ago. de 2023.

NETTO, J. V. G; KREUZ, G. Reflexões acerca dos rompimentos de vínculos afetivos e dos processos de luto. **Revista Pontes**, Paranavaí, 2018, v. 2, p. 20-28. Disponível em: https://www.academia.edu/43530759/Reflexões_acerca_dos_rompimentos_de_vínculos_afetivos_e_dos_processos_de_luto. Acesso em: 28 de out. de 2023.

PINTO, H. A. A utilização da inteligência artificial no processo de tomada de decisões: por uma necessária accountability. **Revista de Informação Legislativa: RIL**, Brasília, DF, v. 57, n. 225, p. 43-60, 2020. Disponível em: http://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/57/225/ril_v57_n225_p43. 20 de set. de 2023.

PORTES, R.. **Tanatologia: os desafios de falar sobre a morte como parte da vida**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) –UNIFASIPE , Mato Grosso, 2022. Disponível em: <http://repositorio.unifasipe.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/532/MON%20ROSIMEIRE%20S.%20PORTES%20PDF.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 20 de set. de 2023.

RENTE, M. A. de M; MERHY, E. E. **Luto e não-violência em tempos de pandemia: precariedade, saúde mental e modos outros de viver**. *Psicologia & Sociedade* , v. 32, 2020,. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240329> . <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240329>. Acesso em: 23 de set. de 2023.

ROCHA, A. P. C. .; FONSÊCA, L. C. da .; SALES, R. L; Dialogando sobre a morte como forma de prevenção do luto mal elaborado. **Revista Psicologia & Saberes, [S. l.]**, v. 8, n. 12, p. 31–50, 2019. DOI: 10.3333/rps.v8i12.1054. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1054> . Acesso em: 30 de out. de 2023.

ROGERS, Carl R., 1902. **Tornar-se pessoa** [tradução Manuel José do Carmo Ferreira e Alvarado Lamparelli: revisão técnica Claudia Berliner].-5 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1997. Acesso em: 30 de out. de 2023.

SECO, C; ESPADA, J. A Inteligência Artificial e a Tomada de Decisão: um Caminho a Percorrer. *Germinare — Revista Científica Do Instituto Piaget*, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5557122> . Acesso em: 23 de ago. de 2023.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, B. C; VELIQ, F. **Figuras pós-humanas e inteligência artificial: uma reflexão a partir de Black Mirror**. *Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, p. 243-265, jul. 2021. ISSN 2238-0701. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/am.v22i0.73909> . Acesso em: 30 de out. de 2023.

SILVA, P.; TREVISAN, D; MACIEL, C. A recriação da vida em chatbot e avatares com o uso de dados póstumos. In: Workshop Sobre Aspectos Da Interação Humano-Computador Na Web Social (WAIHCWS), 12. 2021, Evento Online. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021 . p. 33-40. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/waihcws/article/view/17540> Acesso em: 28 de out. de 2023.

SILVEIRA, P. **Ética e inteligência artificial: da possibilidade filosófica de agentes morais artificiais**. Tese de doutorado, PUCRS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/17052> . Acesso em: 19 de set. de 2023.

TAVARES, G. **Conectar enlutados: do degradar ao despertar e prosseguir**. In: FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). *Vida, morte e luto: Atualidades brasileiras*. São Paulo: Summus, 2018. Cap.16. Disponível em: <https://www.gruposummus.com.br/wp-content/uploads/primeiras-paginas/11101.pdf> Acesso em: 12 de out. de 2023.

TIBÚRCIO, F. *et al.* O futuro do digital está na conexão com o real: Metaverso e suas implicações sociais e tecnológicas. *In: Workshop sobre as Implicações da Computação na Sociedade (wics)*, 3. , 2022, Niterói. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022 . p. 76-84. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/wics.2022.222830> . Acesso em: 19 de set. de 2023.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental** (4ª ed.). Tradução: A. Zilberman, L. Bertuzzi, & S. Smidt, São Paulo: Roca. 2013. Acesso em: 28 de out. de 2023.